



Microfone Aberto: Transcrição do episódio com Maria Clara Wasserman e Talyta Pacheco

Meu nome é Maria Clara Wasserman, sou historiadora e educadora. Já trabalho com entidades públicas e privadas desde a década de noventa e, atualmente, sou autora de um livro que acabou de sair chamado “Jovem Protagonista - Projeto de Vida”. Eu escrevi esse livro junto com o Gabriel Medina, e estou aqui para contar um pouquinho sobre esse tema tão relevante, que está chegando nas escolas com cada vez mais força para que o jovem saiba construir uma perspectiva de futuro para ele. Os currículos propostos pelo novo Ensino Médio deverão considerar a formação integral do estudante, de maneira que se adote um trabalho voltado para a construção do projeto de vida dele. Nessa perspectiva, o jovem adquire aprendizados, habilidades e competências, voltados, justamente, para a construção do seu projeto de vida. E, aí, a gente pergunta. Mas, que aprendizados são esses? Que habilidades e competências? A gente pode enumerar as dez competências da BNCC, que elas são transversais à própria construção desse projeto de vida, mas, também, tem algumas questões que a gente chama de construção da onde o jovem parte do alto conhecimento, onde ele se olha no espelho e pergunta: Quem sou eu? O que eu penso? O que eu quero? Como eu me relaciono com meus pares? E, a partir dessa pergunta, desse exercício de alto conhecimento, ele vai pensar em como ele se relaciona com o outro, Que outro é esse? É o outro a sua família? O seu amigo? Os seus pares? Os seus não pares? E, aí, ele começa a ampliar essa perspectiva. A comunidade, a escola, a sociedade. E ele começa a se reconhecer como um ser social. E aí, por conta disso, ele começa a se entender, a se encaixar dentro da sociedade. E ele começa a fazer escolhas porque é também uma outra habilidade. E essas escolhas são sociais e profissionais. Ele começa a pensar, ele começa a construir a sua trajetória profissional também. Mas já deixando um rastro de autoconhecimento, de trabalho em sociedade, de relacionamento, e aí ele segue para fazer as escolhas. Não importa se ela é acadêmica, não importa se ela mais técnica, não importa se é

empreendedorismo. A grande importância é que o jovem adquira esse aprendizado, essa oportunidade que ele tem de traçar, de construir a própria história.

Nós construímos o livro muito com base nas experiências com a minha trajetória e a trajetória do Gabriel, que é especialista em juventudes. Já vimos escolas de ensino integral em São Paulo adotar materiais que eu fiz, que a gente construiu e que, realmente, deram frutos. Eu já vi ONGs aqui do Rio também adotarem materiais que a gente escreveu, e que outras pessoas escreveram sobre o Projeto de Vida, e que você vê uma mudança de chave no aluno. Você vê que o aluno aprende a se reconstruir. Ele aprende a pensar, aprender a aprender, que é uma habilidade muito importante. Aprende a pesquisar, aprende a buscar o que ele quer. E, aí, dentro disso, ele não só constrói a sua trajetória, como eu já falei, mas ele também atua como multiplicador. Ele vai atuar junto ao próximo, seja na família, seja na comunidade, seja entre amigos. Inclusive, o nosso livro tem bastante utilidade nesse sentido. O jovem atuar em comunidades, fazer intervenções da comunidade, desde as mais simples às mais complexas. E aí, se você pensar, como é tudo muito novo, que dificuldades os educadores podem encontrar na aplicação dessas atividades, dessa disciplina. Não precisa de uma formação específica porque qualquer pessoa que tenha uma trajetória construída vai conseguir também aplicar, mas eu acredito que a maior dificuldade seja realmente despertar o interesse e criar esse diálogo. Abrir esse diálogo com o aluno e abrir a cabeça do aluno para aquilo que ele quer construir. Isso é muito importante. Eu queria falar para os educadores, que dica que eu poderia dar para quem quer começar a aplicar o Projeto de Vida nas escolas. Vai com tudo. Abre o diálogo. Tenha uma escuta ativa. Os alunos são muito diferentes. Jovens são muito diferentes. A gente chama essa juventude de “juventudes”, justamente, pela diversidade. O Brasil é um país diverso. Cada região é completamente diversa, com histórias, com questões muito diferentes. E, aí, um trabalho de projeto de vida no Rio de Janeiro não vai ser igual em São Paulo, que vai ser muito diferente do Pará, que também vai ser diferente de Santa Catarina. Porque apesar de questões comuns, estarmos conectados pela internet, a gente tem as especificidades das regiões. E cabe ao professor abrir escuta e trabalhar dentro da perspectiva desse jovem, dentro da perspectiva da região, da comunidade, dos interesses, das questões que o jovem tem. Então, por exemplo, com o nosso livro, ele trata de questões gerais, e a gente deixou justamente aberto para que cada comunidade possa abordar com a sua especificidade regional, religiosa, da étnica, enfim, o que for necessário. E, independente do que o professor adote como material, a maior dica que eu posso dar para que se trabalhe o Projeto de Vida nas escolas é a escuta ativa. É ver o que o jovem quer, o que o jovem precisa, as perspectivas de carreira, as perspectivas de construir um projeto de vida. E ainda tem mais um agravante. É um desafio mesmo. Tem jovens que vêm de regiões tão mais pobres, têm uma vida tão difícil, já desde a primeira infância, que eles não têm sonhos, que eles não têm perspectiva de carreira, que eles vivem um dia de cada vez. Eles vêm como se fosse uma tábula rasa. E como construir isso? A ideia de você começar a fazer o jovem olhar para si. Quem sou eu? O que eu quero? Quais são os meus gostos? Quais os meus artistas preferidos? De que jeito que eu gosto de vestir? Como é o meu lazer? E, aí, o jovem aprende a se olhar e se entender como ser humano, como um ser social. Como eu já falei, parte para o relacionamento com o outro. Sempre vai ter o outro na vida dele. Pode ser algum familiar, algum amigo,

mas sempre vai ter um outro. E com esse passo a passo, a professora consegue construir com o jovem a sua trajetória. É isso. Espero que dê muito certo esse projeto, que o novo Ensino Médio seja realmente um sucesso, que o Projeto de Vida seja adotado nas escolas, a disciplina, cada vez mais, para que os jovens consigam construir o seu futuro. Um abraço para todos.

Olá, eu me chamo Talyta Pacheco, tenho 21 anos, e sou de Recife, Pernambuco. Eu sou a típica canceriana, então, sou bem sentimental. Fui aluna do NAVE - Recife, da turma de 2017, e que foi uma das experiências mais marcantes da minha vida, por ter me ensinado tanto, ainda no Ensino Médio. Hoje eu trabalho com análise de dados, mas especificamente, em inteligência de negócios, construindo dashboard, que auxiliam as organizações com acompanhamento de suas métricas de negócios. O que é bastante útil para tomar decisão, que é uma das atividades mais importantes dentro das empresas. Sobre minha experiência no NAVE, eu resumo como um processo de muito aprendizado, na verdade, incontáveis aprendizados. Foram muitas oportunidades oferecidas, não somente para a formação acadêmica, mas, principalmente, para o mercado de trabalho. O processo de ensino e aprendizado lá é levado muito a sério, com muito comprometimento dos educadores, para que os alunos fossem formados para serem grandes protagonistas de suas vidas. Eu, particularmente, fui muito beneficiada pelo Programa NAVE, pois foi uma oportunidade que me ensinou maturidade, me ensinou conceitos técnicos na área de programação, de design, me ensinou processos de desenvolvimento de projetos, e são assuntos muito úteis para a vida. Não posso esquecer também das amizades construídas; sem dúvida, foram muito importantes para o meu processo, amizade não só das pessoas que estudaram comigo, como também dos professores. Até hoje, a gente se fala, cada um torce pelo outro. E essa motivação que eu tive lá dentro foi muito legal, e muito importante para mim. Porque ajudou a manter meu foco, me ajudou a manter a motivação também nas atividades lá dentro, e me proporcionou momentos muito felizes. A preparação para os desafios do mercado certamente me impactou no que eu faço hoje, e essa preparação se deu, principalmente, por meio de participação em competições de tecnologia, e uma das mais marcantes para mim foram as competições só para as meninas. O mercado de tecnologia ainda é majoritariamente masculino, e eu estudava numa turma em que a maioria era formada por homens. E com a participação nessas competições femininas, me ofereceu um conforto. O processo de aprendizado técnico foi inegavelmente importante, mas o processo de formação junto às outras meninas me mostrou clareza na profissão, com muito mais facilidade, e me incentivou muito também. O que fez eu escolher continuar na área, pois o apoio eu sabia que ia ter. Lá eu consegui aprender e aplico até hoje ensinamentos que eu aprendi, e também guardo com muito carinho e alegria tudo o que eu vivi. Foram momentos que marcaram demais minha vida e eu tenho muita gratidão.